

Editorial

AMEAÇA
AO IBGE

Uma das instituições mais sérias do Estado brasileiro, o IBGE, é suspeito, desde o início de abril, de sofrer ingerência política do atual governo. A senadora Gleisi Hoffmann pediu, e a presidente do órgão atendeu seu pedido de suspender, até janeiro de 2015, a pesquisa de renda domiciliar per capita, que fora ampliada. Em consequência, a diretora de Pesquisa da instituição, Márcia Quintslr, se demitiu. Também se demitiu Denise Britz, coordenadora da Escola Nacional de Ciência Estatística. Outros servidores ameaçam deixar o IBGE. Funcionários preparam um ato de protesto. Discordam da decisão da presidente de parar a pesquisa. Estranham a rapidez como foi tomada a decisão. Depois de demorados estudos, a Pnad continua, que pesquisa o desemprego no país, tinha ampliado sua base de dados, avançando para além das regiões metropolitanas. As indicações são de que a taxa de desemprego é maior do que a que vem sendo divulgada. Os resultados poderiam influir nas eleições. A senadora é mulher do ex-ministro do Planejamento Paulo Bernardo. O IBGE é um órgão subordinado a esse ministério. Por isso, a oposição quer ouvir a atual titular da pasta, Miriam Belchior, e a presidente do IBGE, Wasmália Bivar, além da diretora Márcia Quintslr. Dados do IBGE são, às vezes, questionados. Governantes já tentaram controlar o órgão. Em seu governo, o ex-presidente Lula contestou dados sobre a fome. Mas, ao contrário de outras instituições, o IBGE a tudo resistiu, preservando a autonomia de seu corpo técnico, que é quem decide, pelo menos até agora. O ocorrido traz temor. A política não deve ter o poder de influir nos trabalhos de um instituto de pesquisa, que refletem a realidade, à luz de instrumentos científicos. Teme-se que se repita aqui o que aconteceu na Argentina, onde o governo manipula as estatísticas, e o que ocorreu no Ipea durante o governo Lula. O IBGE é um órgão do Estado brasileiro, não do governo, seja ele qual for.

SEMPRE EDITORA LTDA

FUNDADOR
PRESIDENTE
VICE-PRESIDENTE
DIRETOR EXECUTIVO
DIRETOR FINANCEIRO

Vittorio Mediolì
Laura Mediolì
Luiz Alberto de Castro Tito
Heron Guimarães
Marcos de Oliveira e Souza

GERENTE COMERCIAL
GERENTE DE TECNOLOGIA
GERENTE INDUSTRIAL
GERENTE ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO
GERENTE DE MARKETING
GERENTE DE CIRCULAÇÃO
GERENTE DE ASSINATURAS

Fabiano Guerra
Fábio A. Santos
Guilherme Reis
Walmir Prado
Alessandra Soares
Isabel Santos
Maria Beatriz Braga Rocha

EDITORIA EXECUTIVA
SECRETÁRIA DE REDAÇÃO
ADJUNTO DA SECRETARIA DE REDAÇÃO
CHEFE DE REPORTAGEM
EDITORES

Lúcia Castro
Michele Borges da Costa
Murilo Rocha
Renata Nunes
Opinião: Victor de Almeida
Economia: Karlon Aredes
Política: Carla Kreefft
Magazine: Silvana Mascagna
Brasil/Mundo/Interessa: Aline Reskalla
Esportes: Denner Taylor
Cidades: Marina Schettini
Primeira: Frederico Duboc
Fotografia: Rejane Araújo

O.PINIÃO

Duke



www.dukechargista.com.br



FÁTIMA OLIVEIRA

Médica
fatimaoliveira@ig.com.br

Santana do Riachão, o cenário
imaginário de “Vidas Trocadas”

A médica, sua consciência, o amor ao povo e o governo nem aí!

Escrevi três romances: “A Hora do Angelus” (2005), “Reencontros na Travessia: A Tradição das Carpideiras” (2008) e “Então, Deixa Chover” (2013), publicados pela Mazza Edições. Não é incomum receber e-mails que indagam como escrevo meus romances. Não deixo sem resposta e-mails de quem me lê, seja em crônica, artigo ou livros, estes num total de seis, além dos romances; e sou coautora de, pelo menos, oito livros coletivos dos quais escrevi um capítulo, em geral reflexões filosóficas e políticas sobre bioética, na interface com engenharia genética e/ou direitos reprodutivos. Recebo algumas cartas sobre os livros, daquelas antigas, escritas à mão, que acho pura ternura. Na semana passada, uma leitora comentou, por e-mail, a crônica “A imanência e a transcendência das coisas e da vida no sertão” (**O TEMPO**, 6.4.2010): “Como em Nova York e à beira do lago Michigan, em Chicago, pode ficar pensando no torrão natal no meio do nada daquele Maranhão?” “Ao ler sua poética crônica, fiquei buscando descobrir o que disse ao escrever: ‘Costumo dizer que o sertão que conforta e acarícia o meu viver é, como dizem os rosiólogos, uma paisagem mental perene, que nutre a minha vida e a minha produção literária. Há algo de imanente ao sertão que não nos larga nunca e nos acompanha o tempo todo’.” “Só a entendi quando terminei de ler, ontem, ‘Reencontros na Travessia: A Tradição das Carpideiras’, que abriu meus olhos para as belezas que o sertão encerra, que eu, embora sertaneja, não enxergava. Filha de retirantes nor-

destinos, não compreendo como, com a vida ‘classe A’ que têm hoje em São Paulo, falam com saudades daquela pobreza crua, imensa e profunda que deixaram lá! Mamãe, tal qual você, diz que a alma sertaneja é só para quem tem uma e é para sempre. Eu perdi a minha e a reencontrei em seu romance!” “Finalizo perguntando: como escreveu um romance daquele, que é puro sertão, se saiu de lá menina? Quero apenas imaginar como nasce a sua inspiração, porque a beleza do seu livro encanta e desperta a gente!”

“Filha de retirantes nordestinos, não compreendo como falam com saudades daquela pobreza crua, imensa e profunda que deixaram lá!”

Como escrevo? Por não encontrar as palavras mais adequadas para dizer como é o meu escrevinhar, faço minhas as palavras do escritor português José Saramago (1922-2010), citadas por Dad Squarisi: “Escrever é trabalho guiado pela inspiração. Há escritores que fazem um plano do que será o livro, com os personagens, as situações e tudo. Eu prefiro deixar que cada palavra que escrevo dê origem à palavra seguinte. E a palavra nova vai criando situações também novas dentro da minha cabeça. E aí me cabe decidir se continuo pelo caminho pelo qual ia ou se aceito a minha provocação involuntária de tomar novo rumo. E essa é a coisa mais interessante que há

nesse ofício de escrever”. Sou leitora compulsiva e adoro escrever. Fui menina nota dez em redação, descrição, interpretação de textos e de imagens. Escrevo para tocar as pessoas. Ao garatujar um romance, o meu único compromisso é contar uma história de vida e, nela, partes de muitas outras. É como desenrolar um novelo de linha com muitas pontas. Enquanto escrevo, moro no mesmo lugar em que vivem as personagens! É uma imersão no mundo delas, até o meu cardápio muda: degusto o que as pessoas dali apreciam comer... Há quase um mês, moro em Santana do Riachão, cidade imaginária onde desenvolvo a trama do romance que estou escrevendo, “Vidas Trocadas”, que são memórias de uma médica do interior, lá nas brenhas, desde quando nem Conselho Federal de Medicina havia! Eram ela, sua consciência, o amor ao povo e o governo nem aí!

